

Fabiana Giovani ¹Cláudia Raimundo Reyes ²Cintia Bartolomeu Garcia ³**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo instaurar uma reflexão sobre estilo a partir da produção de textos de um sujeito de terceiro ano do ensino médio, tomando como referência principal as investigações de Bakhtin (2013) e seu Círculo que, além de ser o grande precursor dos estudos de gênero - adotado, inclusive, pelos documentos oficiais orientadores do ensino de língua portuguesa no Brasil -, também teve em seu percurso histórico uma experiência enquanto professor de língua. Esta experiência, divulgada em sua obra “Questões de estilística no ensino de língua materna”, mostra-nos o seu interesse e preocupação pessoal com a questão do estilo. Com base nesses pressupostos, acompanhamos o trabalho de uma professora e analisamos indícios de estilo no texto de um de seus alunos concluinte do último ano do ensino médio, que se prepara para participar das avaliações institucionais para ingresso ao ensino superior. A partir do exemplo do professor Bakhtin (2013), da experiência na escola e da análise interpretativa dos rastros que, pautados em Ginzburg (1989), denominamos micro história do estilo do sujeito analisado, foi possível compreender a indissociabilidade entre estilo individual e gênero, além de perceber como esta relação pode ser concatenada ao trabalho de análise linguística, tão caro aos estudos envolvendo o ensino/aprendizagem de língua portuguesa.

Palavras-chave: Estilo. Paradigma indiciário. Análise Linguística.

ABSTRACT

This article aims to establish a reflection on style from the production of texts by a third-year high school student. Our main reference is the investigations by Bakhtin (2013) and his Circle, who, besides being the great precursor of genre studies - even informing the official documents guiding Portuguese language teaching in Brazil -, also had an experience as a language teacher in his historical path. Such experience, related in his work “Stylistics in teaching Russian language in secondary school”, shows us his interest and personal concern with the question of style. Based on these assumptions, we monitor the work of a teacher and analyze signs of style in the text of one of her students concluding the last year of high school, who is preparing to participate in institutional assessments for university admission. From the example of Professor Bakhtin (2013), the experience at school and the interpretative analysis of the tracks which we name, based on Ginzburg (1989), the microhistory of the style of the analyzed subject, it was possible to understand the indivisibility between individual style and genre, in addition to realizing how this relationship can be linked to the work of linguistic analysis, so valued in the studies involving the teaching / learning of the Portuguese language.

Keywords: Style. Evidential paradigm. Linguistic analysis.

¹ Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Santa Catarina/SC, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5887-1058>. E-mail: fabiana.giovani@ufsc.br.

² Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos/SP, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-00020692-3020>. E-mail: claudiareyes@ufscar.br.

³ Docente da Educação Básica. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Carlos/SP, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5825-8117>. E-mail: cintiabartolomeu@gmail.com.



1 UM PONTO DE PARTIDA

Desde a renovação no ensino de língua materna, que se deu na década de 1980 com a obra ‘O texto na sala de aula’ organizada por Geraldí (2004), muitos são os aspectos que se tornaram foco de olhar e interesse quando se trata do texto escrito. Temos, no interior desse período, dentre tantas mudanças uma fundamental: da redação à produção de texto. Assim, superam-se as antigas tipologias enfatizadas nas aulas de língua portuguesa como “narração – descrição – dissertação” para se pensar nos gêneros do discurso que circulam nas diferentes esferas de atividade humana⁴. Tal mudança não só no campo científico, mas principalmente na sala de aula de língua portuguesa, traz em seu bojo elementos fundamentais, uma vez que se instaura a importância da interlocução, o que implica considerar o “eu” que fala, o “outro” que ouve - ambos sendo constituídos nesta cadeia interdiscursiva - e o contexto de produção e social dos sujeitos envolvidos.

Bakhtin (1992), o grande precursor dos estudos de gênero nessa nova e atual roupagem, adotada, inclusive, pelos documentos oficiais orientadores do ensino de língua brasileira, também teve em seu percurso histórico uma experiência enquanto professor de língua e ao vir a público essa experiência a partir de sua obra “Questões de estilística no ensino de língua materna”, conhecemos o seu interesse e preocupação pessoal com a questão do estilo.

Estilo é algo caro às pesquisas de linguagem há tempos. Os estudos de Mattoso Câmara Jr. (1972), linguista de reconhecimento nacional, mostram que Saussure, ao estabelecer a relação língua/fala e ao eleger a língua, em detrimento da fala, como objeto da linguística, considera apenas a função representativa da linguagem, deixando de lado funções essenciais como, por exemplo, a expressiva e a de apelo, a de fundo emocional, etc. A crítica do linguista continua ao afirmar que:

Saussure, quando conceituou a ‘língua’ em puras bases representativas, ‘mutilou’, por assim dizer a linguagem e obteve um conceito abstrato fora da concreticidade do intercâmbio linguístico. Foi o que percebeu o seu discípulo Charles Bally, que se dedicou não a repetir o mestre mas a completá-lo, focalizando o estilo em todo fato de língua, e assim estabelecendo a disciplina da estilística (CÂMARA JR., 1972, p. 136).

O linguista brasileiro define, então, estilística como “a parte do estudo da linguagem que se opõe à gramática, a qual trata da língua representativa. O papel da estilística é depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectualiva”

⁴ Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004) organizam os gêneros discursivos no interior de cinco grandes grupos de acordo com as capacidades de linguagem que exploram. São eles: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações.





(CÂMARA JR., 1972, p. 137). O teórico, partindo das orientações de Bally, considera que o estilo está em qualquer tipo de manifestação da linguagem e não apenas no texto literário ou no escrito. Porém, é interessante notar que, apesar de assumir essa posição, ele elege como corpus para analisar o fenômeno do estilo o texto literário e não a linguagem comum.

Apesar de ser muito interessante a reflexão e compreensão de Câmara Jr. (1972) sobre estilo, notamos que suas preocupações se limitam ao objeto do discurso e na figura do locutor que é o que tinha disponível em sua época, quer dizer, o que a ciência, envolvendo linguagem, permitia no momento em questão. É aí que entra em cena novamente Bakhtin (2013) ao atualizar os estudos sobre estilo e ao manifestar a preocupação com a questão do gênero concebendo a indissociabilidade entre os dois elementos.

Pensar no estilo desde uma perspectiva bakhtiniana nos remete a elementos do quadro epistemológico formulado por Bakhtin, o qual encontramos em muitos estudos já desenvolvidos. Entretanto, é insipiente pensar essas questões sob o viés prático, em que a análise concreta ocorra e some aos constructos reflexivos já existentes.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo instaurar uma reflexão sobre estilo a partir da produção de textos de um sujeito de terceiro ano do ensino médio, durante um semestre, cujo objetivo é ser aprovado em exames para ingresso no ensino superior e continuar os seus estudos para além da educação básica. Apesar da análise – prática – se dar no âmbito da pesquisa, a ideia é que esse posicionamento seja um passo para que o professor de língua materna compreenda e trabalhe, em pleno século XXI, com a análise linguística⁵ defendida por Geraldi (2004) e tantos outros desde os longínquos anos 80.

2 DELINEANDO O CAMINHO

Para a empreitada a que nos propomos, é essencial trazer Ginzburg (1989) ao diálogo aqui instaurado. Historiador italiano, partindo da premissa de que a prática da historiografia, desde suas origens, foi comparada a atividades que necessitam da análise de indícios para tecer explicações, como é

⁵ O uso da expressão “prática de análise linguística” não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto, adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discursos direto e indireto, etc); organização e inclusão de informações, etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina. O objetivo da análise linguística é a reescrita do texto do aluno. Isso não exclui, obviamente, a possibilidade de nessas aulas o professor organizar atividades sobre o tema escolhido, mostrando com essas atividades os aspectos sistemáticos da língua portuguesa [...]. (GERALDI, 2004, p. 74, grifos do autor).





o caso da medicina, da investigação criminal, crítica de artes plásticas, psicanálise, cunha o ‘paradigma indiciário’, uma prática de rastreamento de sinais, indícios, sintomas que remetem a algum evento, mas sem captá-lo em sua integridade.

O autor, em defesa de seu paradigma, parte do pressuposto de que um médico, por exemplo, procede analisando indícios e submetendo o paciente a uma série de exames até estabelecer um diagnóstico seguro. Argumenta utilizando Sherlock Holmes, de Conan Doyle, para evidenciar que um perito criminal analisa a cena de um crime, desde os sinais deixados. Da mesma forma, menciona um pintor italiano, denominado Morelli que - no papel de crítico de arte, sobretudo encarregado de averiguar a autenticidade de uma obra clássica -, também opera por meio de indícios extremamente sutis, característicos de cada pintor, irrepetíveis de tão singulares. Faz ainda menção à psicanálise freudiana que interpreta fragmentos de imagens dos sonhos que os pacientes relatam.

O paradigma indiciário de Ginzburg (1989) faz-nos perceber que há uma forma de conhecimento que pode estar na fronteira entre o conhecimento rígido das ciências naturais e as ciências humanas. Trata-se de um trabalho de rastrear sinais tal qual um caçador - sabedoria tão antiga quanto a própria humanidade, já que foi por meio de índices que o homem pré-histórico conseguiu chegar até a patamares superiores de inteligência.

De acordo com Lima (2006) a atenção sobre o particular, proposta por Ginzburg em sua reflexão sobre o paradigma indiciário, aponta o olhar para a micro história. A intenção não é a de que o historiador abra mão da totalidade, entendida como a “conexão profunda que explica os fenômenos superficiais”, mas refletir sobre o universal e singular através da ‘micro’ história é a única forma de conhecer o que se quer saber por meios da análise circunscrita dos fenômenos que a revela indiretamente.

Em se tratando de linguagem nada mais coerente do que a adoção do paradigma indiciário como caminho, uma vez que este permite construir uma metodologia capaz de orientar o pesquisador no emaranhado de complexidades que a linguagem comporta, evitando descaminhos que podem conduzir ao tratamento de questões que não lhe dizem respeito. Nas palavras de Geraldi (2010):

O estudo que fazemos da linguagem não está interessado nos “recortes” dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente (GERALDI, 2010, p. 28).





Especificamente, busca-se aqui, a partir da experiência de Bakhtin (2013)⁶, reconstruir a micro história⁷ de estilo de um sujeito denominado Daniel⁸. Em princípio, é importante saber que Daniel cursa o terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. As produções escritas foram realizadas durante as aulas de redação acompanhadas, semanalmente, pela pesquisadora durante o primeiro semestre letivo de 2017. A escolha pelo processo de Daniel se deu pelo fato de ser um dos poucos, talvez o único⁹, de sua turma a entregar a produção escrita referente a todas as propostas elaboradas por sua professora.

Houve, no período citado, a execução de quinze propostas, nas quais a escrita era impulsionada por um tema. Dessa forma, a professora selecionava um tema que estava em pauta na semana tomando por base, especialmente, as mídias impressas de referência, elaborava um handout para discussão e apresentava a proposta de escrita cujos textos - produzidos fora do tempo/espço da aula - eram entregues em aula posterior pelos alunos.

O nosso foco de interesse é rastrear traços estilísticos deixados por Daniel nessas produções, construindo a micro história de seu estilo, como veremos a seguir.

3 A MICRO HISTÓRIA DO ESTILO DE DANIEL

3.1 A contextualização

Para Bakhtin (1992), o filósofo do dialogismo¹⁰, o enunciado – como produto de trocas sociais – está ligado a uma situação material concreta e também a um contexto mais amplo que constitui, nas palavras de Brandão (2005), o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade

⁶ A inspiração na postura do professor Bakhtin nos incitou a reconstruir uma micro história do estilo de um sujeito, não apenas por ele se mostrar um docente voltado para as discussões sobre estratégias de ensino ou sobre desenvolvimento de conteúdo, mas, principalmente, por ser um professor que observa o desempenho dos estudantes, analisa as suas produções e, sustentando-se em aspectos teóricos, leva à sua prática diária um ensino/aprendizagem em que o sujeito tenha a oportunidade de produzir, criar e transformar o conhecimento.

⁷ Termo emprestado também dos estudos de Ginzburg, a **Micro História** é uma forma de se pesquisar e escrever História na qual a escala de observação é reduzida e se foca em objetos bem específicos para apresentar novas realidades. A proposta é que o historiador desenvolva uma delimitação temática extremamente específica em questão de temporalidade e de espaço para conseguir observar realidades que não são retratadas pela História Geral. Ressaltamos ainda que apresentamos um início de diálogo com este pressuposto de Ginzburg e que um aprofundamento maior pode ser feito a partir da referência: GINZBURG, C. *Microstoria: due o tre cose che so di le. Quaderni Storici*, v. 86, p. 511-539, 1994.

⁸ Nome fictício.

⁹ Algumas produções escritas solicitadas pela professora não tinham a obrigatoriedade de entrega.

¹⁰ “Bakhtin concebe a linguagem como forma de interação social cujo objetivo é a comunicação; comunicação entre falante/ouvinte, entre um eu e um tu, o que pressupõe um princípio geral a reger toda palavra: o princípio de que linguagem é diálogo. Toda palavra é dialógica por natureza porque pressupõe sempre o outro; o outro sob a figura do destinatário a quem está voltada toda alocação, a quem o locutor ajusta a sua fala, de quem antecipa reações e mobiliza estratégias. Mas, na concepção bakhtiniana, o outro é ainda o outro discurso ou os outros discursos” (BRANDÃO, 2005, p. 17).



linguística. Dessa forma, a produção de linguagem é tão diversa assim como os atos sociais vivenciados pelos grupos o são. Produzimos os discursos de acordo com as diferentes esferas de atividade das quais participamos, de modo que cada esfera exige de nós, sujeitos, uma forma específica de atuar com a linguagem no interior de tipos relativamente estáveis de enunciados, nomeados gêneros do discurso, cuja diversidade é infinita, mas com relativa organização que permite a compreensão e a relação humana por meio deles. Nas palavras de Bakhtin (1992), possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais e escritos, ainda que podemos ignorar totalmente sua existência teórica (BAKHTIN, 1992, p. 300).

As características relativamente estáveis são reconhecidas pelo conteúdo temático, a estrutura composicional e pelo estilo, sendo este último o que mais nos interessa aqui e, para Bakhtin (1992), o estilo está tão indissolúvelmente ligado ao gênero que o leva a afirmar que “quando há estilo há gênero”. Ainda segundo o autor, o estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado, tanto que o estudo de um estilo sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade.

O gênero discursivo, cujo estilo será foco de nossa análise, é o texto escrito como ‘treino’ com intuito de ser aprovado no vestibular, nomeado tradicionalmente por ‘dissertação’¹¹. Antes, porém, de apresentar os textos de Daniel¹², é interessante conhecer um pouco de seu contexto social a partir de um questionário¹³ preenchido por ele no início do semestre¹⁴.

O questionário investigou a questão de leitura e Daniel respondeu ter lido cinco livros em 2016. Diz não ser leitor de mídia física porque sua família não é assinante, mas acessa diariamente portais de grandes jornais nos quais tem preferência pela seção de esportes. O gênero literário de seu gosto são os romances históricos e fantasia. Com relação à escrita, também investigada pelo questionário, diante da pergunta se as aulas de redação marcaram positivamente a sua vida, Daniel respondeu que, relativamente, sim, pois melhorou a escrita, embora o foco extremo em dissertação não lhe agradasse. Ao ser questionado sobre o que essas aulas o marcaram negativamente, Daniel relatou que poderiam ter

¹¹ Apesar de reconhecermos ‘dissertação’ como uma tipologia, neste estudo, consideramos esse texto como um gênero discursivo, uma vez que como Bakhtin mostra em sua reflexão, há um vínculo direto entre estilo e gênero e quando se analisa o estilo sob a ótica da funcionalidade do gênero em cada esfera da atividade e da comunicação humana, nota-se que cada gênero tem seu estilo peculiar. Em outras palavras, o que estamos argumentando aqui é que se a dissertação está mais ligada à tipologia, não é considerada um gênero, já que não circula com uma função social numa esfera dada. No entanto, podemos considerar em nosso estudo que a dissertação circula na esfera escolar e, se tem uma função nessa esfera, deve ser considerada um gênero discursivo.

¹² Daniel por cursar o terceiro ano do Ensino Médio tem por volta de 17 anos e encontra-se nessa fase da vida em que vai tentar entrar numa universidade e continuar os estudos em nível superior.

¹³ Questionário aplicado pela professora no primeiro dia de aula com a turma.

¹⁴ Os dados do questionário apontam um pouco para a vida de Daniel o que ajudará na compreensão de seu estilo na produção dos textos.





abordado algo a mais do que a dissertação¹⁵. Na pergunta sobre ‘ensino’, ao ser questionado sobre o que mudaria no ensino brasileiro, Daniel respondeu que abordaria mais gêneros narrativos na redação e traria uma visão cotidiana. Sobre a figura do professor ideal, afirmou que a figura do professor, em sua opinião, é positiva e merece respeito. Para ele, o professor ideal é o dinâmico, que consegue passar conteúdo, opinião e curiosidade na dosagem certa para que a aula não se torne maçante e cansativa.

3.2 As aulas da professora de redação e o texto de vestibular

Em busca da micro história do estilo de Daniel, não podemos deixar de tecer algumas palavras sobre o mediador dos textos escritos pelo sujeito e o que se sabe sobre as características desse gênero que circula na esfera escolar.

A professora do componente curricular ‘redação’ pode ser considerada experiente, já que ministra aulas desse tipo há mais de 15 anos e, especificamente, há 5 na atual escola. É leitora assídua de mídias impressas e tem reconhecimento notório entre os alunos por ‘acertar’ o tema da redação dos últimos vestibulares. Assim, suas aulas de redação são elaboradas a partir de uma temática e a escolha se deve ao espaço de destaque que esta atinge na mídia semanalmente, mas, claro, em diálogo com um contexto social maior.

No primeiro semestre, os temas de destaque selecionados para o trabalho foram: Sistema prisional brasileiro; Politicamente correto/Marchinhas de Carnaval; Saneamento básico; Gravidez precoce; Apropriação cultural; Pichação: delito ou protesto; Crise ambiental; Influenciadores digitais; Felicidade; Notícias falsas; Suicídio; Redes sociais; Foro privilegiado; Questão indígena; e Crack.

Em todas as aulas, a professora elabora e entrega aos alunos handouts com bons textos argumentativos e/ou informativos, em sua avaliação, retirados de mídias impressas e/ou digitais. Na coletânea, há muitos dados sobre a temática, ora estatísticos, ora cronológicos, ora históricos, ora leis e/ou tratados, ora pesquisas, etc. Há referências a filósofos e suas ideias¹⁶, uma característica particular da professora, já que gosta de fazer essas relações e, nesse quesito, mostra-se em constante aprendizagem, já que lê muitas obras filosóficas e manifestou, particularmente, o desejo de cursar filosofia para trazer mais qualidade ao referenciar os filósofos com mais propriedade e domínio em suas aulas de redação.

¹⁵ Essas duas respostas são de extrema relevância para a pesquisa, já que o foco de análise do estilo vai ser no interior de um gênero cuja escrita não agrada ao sujeito autor. Dessa forma, a escrita das dissertações semanalmente justifica-se muito mais pela obrigatoriedade do que pelo prazer.

¹⁶ Nas aulas do primeiro semestre, a professora trouxe para o diálogo com os alunos mais de quinze nomes, Bauman, Adorno, Horkheimer, Benjamim, Marcuse, Erick Fromm, Habermas, Marx, Eco, Aristóteles, Schopenhauer, Sêneca, Cortella, Nietzsche, Durkheim, Sócrates, Tomás de Aquino, Montaigne, Kant, Karnal e Foucault.





Outro ponto de destaque é a referência à literatura, com menção a autores como, por exemplo, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, entre outros. Essas considerações são relevantes para afirmar que os alunos tinham um riquíssimo repertório como base para a escrita de seus textos.

De domínio da filosofia sobre gêneros do discurso de Bakhtin (1992), a estrutura é algo também privilegiado nas aulas da referida professora, obviamente, no interior das demandas do próprio gênero “dissertação”. O modelo de texto de mais desejado domínio pelos alunos é o que atingiria uma excelente pontuação no ENEM¹⁷ (Exame Nacional do Ensino Médio) que garantiria a entrada nas universidades públicas federais e/ou estaduais do país. Esse gênero de texto do Enem tem a particularidade de ser escrito com um limite mínimo de 8 linhas e máximo de 30. A exigência é pela elaboração de um texto dissertativo-argumentativo estruturado de forma consistente e coerente, com a apresentação do que denominam “proposta de intervenção social” ao final¹⁸. A proposta de redação vem acompanhada de textos que podem servir de motivação e/ou fundamentação para a escrita¹⁹.

De conhecimento das temáticas e pensando no desenvolvimento de elementos envolvendo a estrutura composicional e o estilo, a professora trabalhou, em cada uma das aulas do primeiro semestre, as possibilidades de escolha, como mostramos a seguir:

- Aula 1 - A importância da escrita. Conhecimentos envolvidos;
- Aula 2 - Gêneros discursivos;
- Aula 3 - Características gerais do texto dissertativo/argumentativo;
- Aula 4 - Exemplos de introdução;
- Aula 5 - Gêneros, interlocução e condições de produção;
- Aula 6 - Problemas de estrutura e de argumentação; correção gramatical;
- Aula 7 - Tipos de parágrafo;
- Aula 8 - Passo a passo do projeto de texto; roteiro; parágrafo;
- Aula 9 - Causa/consequência; introdução; tipos de parágrafo;
- Aula 10 - Introdução; tipos de parágrafo;
- Aula 11 - Introdução; vestibulares e suas temáticas;
- Aula 12 - Coesão; coesão lexical; progressão temática; tema/rema;
- Aula 13 - Coesão lexical; temas filosóficos;

¹⁷ Houve, no decorrer do semestre, a exploração de gêneros pedidos em outros vestibulares como, por exemplo, a Unesp que abre as portas de entrada para a Unesp e a carta argumentativa, da UNICAMP, mas que, por necessidade de recorte, não serão foco de nosso olhar nesse trabalho.

¹⁸ Não é permitido escrever poesia ou outros estilos de texto que fujam ao proposto pelo exame.

¹⁹ Na compreensão da professora regente, é aconselhável o candidato não se prender às ideias ali apresentadas, nem copiar trechos e torná-los parte de sua argumentação. Essas atitudes podem fazer com que o candidato perca pontos na avaliação de competências. Com relação a estas, as cinco competências levadas em consideração na avaliação e correção dos textos são: i) demonstrar domínio da norma padrão da língua escrita; ii) demonstrar compreensão da proposta da redação e aplicar conceitos de diversas áreas do conhecimento para desenvolver o tema; iii) demonstrar capacidade de selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações para defender um ponto de vista; iv) demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação; e, v) elaborar uma proposta de intervenção ao problema abordado, respeitando os direitos humanos. Cada um dos critérios vale 200 pontos, e somados, totalizam a nota máxima da redação – 1.000 pontos. A redação pode zerar e ser desclassificada se o candidato fugir do tema ou se fizer inserções indevidas ou desconectadas do texto. Ressaltamos, enfim, que os dados apresentados são informativos e estão isentos de nosso juízo de valor.



- Aula 14 - Tese; estrutura do parágrafo (analogia, intertextualidade e contra argumentação);
- Aula 15 - Busca de fontes para a escrita;
- Aula 16 - Introdução; contextualização da tese;
- Aula 17 - Progressão temática; coesão; integração de parágrafos;
- Aula 18 - Marcas de autoria; analogia; metáfora; introdução/desenvolvimento;
- Aula 19 - Metáfora;
- Aula 20 - Argumento principal.

Embora, como já dito, saibamos que os elementos do gênero são indissociáveis, com base nessas informações, nosso interesse é buscar compreender como Daniel manifesta o seu estilo nos textos produzidos.

4 A BUSCA INDICIÁRIA PELA MICRO HISTÓRIA DO ESTILO DE DANIEL

Antes de passarmos para a análise propriamente dita, faz-se necessário dizer que nossa apresentação trata-se de um percurso interpretativo constituído a partir dos indícios que nos chamaram a atenção e mereceram destaque. No interior de um rigor flexível, os dados poderiam evidenciar outros elementos que não foram por nós abordados e/ou destacados.

Ressaltamos que não houve critérios rígidos para a seleção dos indícios que trazemos. Como todo e qualquer trabalho indiciário, mereceram destaque elementos advindos do nosso olhar para todas as produções de Daniel. Os recortes elegidos para refletirmos sobre a questão do estilo do autor estão relacionados ao jogo entre instabilidade e estabilidade no processo de uso da linguagem. As escolhas e construções são provenientes do processo dialógico de Daniel com a professora, suas aulas, com os textos trabalhados e até mesmo de seu diálogo com as propostas de escrita.

4.1 Do querer dizer à necessidade de expressividade do interlocutor

Para buscar o estilo de Daniel em seus textos é preciso retomar a ideia de Bakhtin (1992) quando diz que a separação entre o estilo e o gênero repercute de um modo muitíssimo nefasto sobre a elaboração de toda uma série de problemas históricos. As mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. A língua escrita corresponde, portanto, ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança.



Com isso, os indícios nas treze produções analisadas²⁰ mostram que Daniel está trabalhando no interior das possibilidades ofertadas pelos gêneros, e o seu estilo é construído no movimento entre instabilidade e estabilidade, uma vez que, de acordo com Bakhtin (1992), os gêneros do discurso, em seu dinamismo, e por meio da atividade, se elaboram e reelaboram incessantemente. Podemos observar que os treze textos são constituídos pela mesma estrutura, a saber:

- um parágrafo introdutório; - dois parágrafos de argumentação; - um parágrafo de conclusão

Segundo Bakhtin (1992), os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua de forma que nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero. No interior dessa estrutura do “gênero dissertação para o vestibular”, os indícios apontam que Daniel dialoga com as possibilidades que o gênero lhe oferece e alguns elementos vão se repetindo ao longo dos textos. Com relação a esse aspecto, chamamos a atenção para a forma como inicia os seus textos:

É inegável que estamos vivendo a era da informação rápida, cuja principal característica é oferecer um novo veículo, que ao contrário dos tradicionais (jornal, televisão e rádio) tem grande liberdade de criação e exibição: cria-se o que quiser e assiste-se ao que bem entender. A princípio, pode parecer um modelo bom e democrático, todavia, ele tem seus defeitos.

É inegável que inverdades sempre existiram. Outrora disseminadas via boca a boca, hoje, com a ascensão da era digital, informações falsas são escritas e compartilhadas em uma rapidez jamais vista. Rápido o bastante para receber notícias úteis, porém, rápida demais para desmentir artigos falsos. Boatos infundados parecem ser notícias verídicas e, sim, causando estragos.

É inegável que o advento da era da informação gerou profundas mudanças nas relações entre pessoas, que podem melhorar ou piorar. No entanto, a grande capacidade de dispersão de ideias na rede faz necessária uma nova consciência coletiva: qual o limite que separa a liberdade de expressão da agressão verbal?

Em três dos seus textos há o início com a expressão “É inegável”. Essa atitude evidencia que Daniel está buscando uma regularidade para compor a sua escrita, demonstrando, por meio da escolha, o domínio do gênero e do quanto pode nele manifestar o seu estilo individual, já que todas essas propostas de escrita visam prepará-lo para alcançar êxito na redação do vestibular.

Outro indício que aparece mais de uma vez na forma de iniciar o texto é a introdução do assunto pela negação ou por uma expressão que demarca o tempo aqui/agora como se observa, respectivamente, nas seguintes ocorrências:

²⁰ Ficam fora da análise por falta de acesso aos textos, a produção no interior de duas temáticas: suicídio e felicidade, o que totalizaria quinze temas trabalhos pela professora.



<p>Não é de hoje que é sabido má condição dos presídios brasileiros. Revoltas e massacres sempre aconteceram, mas as recentes carnificinas chamaram a atenção da população acerca de tais problemas como a falta de fiscalização e superlotação carcerária.</p>
<p>Não é raro ver mães muito jovens atualmente, e os dados ratificam essa tese. Segundo o Datasus/Sinasc, 20% dos recém-nascidos têm mães de até 19 anos, e essa maternidade precoce traz problemas à mãe e ao bebê, sendo assim, um problema de saúde pública.</p>
<p>Os recentes escândalos de corrupção evidenciaram uma triste realidade sobre a índole de nossos parlamentares e é melancólico ver a justiça esbarrar em diversas barreiras legais: uma delas, o foro privilegiado, que protege o número absurdo de 54.990 pessoas. O que a princípio pode parecer uma necessária proteção contra perseguições pessoais, na verdade é uma carta de alforria que garante impunidade ao nosso coração corruptível.</p>
<p>Os recentes conflitos em Colniza e Viana chamaram a atenção nacionalmente e levantaram diversas questões sobre o modo como os indígenas são tratados pelo Estado, e é revoltante constatar que os primeiros habitantes do Brasil são ignorados pelos órgãos que – teoricamente – deveriam protegê-los.</p>

É interessante analisar essa recorrência na construção do estilo de Daniel, especialmente porque, no trabalho realizado com a professora²¹, pelo menos em seis aulas, ela contempla o elemento ‘introdução’, abrindo um leque de possibilidades de como iniciar um texto. Conforme podemos observar na apresentação de uma de suas aulas:

<p>Passo a passo do PROJETO DE TEXTO:</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Observar o recorte temático. Está amplo? É específico?✓ O que é? Como ocorre? Por que ocorre?✓ Qual é a principal ideia que você quer transmitir? Transformá-la em tese.✓ Definir ideia principal e ideias secundárias relacionadas com a tese.✓ Decidir sobre o tipo de introdução (definição; apresentação geral do recorte temático; retrospectiva/alusão histórica...)

O mesmo ocorre com relação ao parágrafo de conclusão. Daniel demonstra estabilidade na manifestação de seu estilo ao reiterar uma expressão que introduz o fechamento da ideia defendida, como demanda o gênero:

<p>Em síntese, é necessário criar presídios diferenciados, para delinquentes de crimes leves, com oportunidades de reinserção social, rever a política da prisão de usuários de drogas de acordo com a quantidade de drogas que ele porta e reforçar o policiamento, para que revoltas sanguinolentas não se repitam.</p>
<p>Em síntese, é preciso que os holofotes se virem à situação atual do tratamento e coleta de esgoto, pois é visível o atual descaso do governo para isso, e também necessário aplicar mais investimentos na área, ou transferir a responsabilidade da coleta e tratamento de esgoto à iniciativa privada.</p>
<p>Em síntese, o número de mães adolescentes é muito alto, e cabe ao Estado orientar professores para propiciar a melhor educação sexual cabível, e a sociedade precisa perder a vergonha de discutir esse assunto em casa, pois, não obstante polêmico, é essencial.</p>
<p>Em síntese, a queixa sobre a “apropriação” cultural de Thauane, visto que a cultura reivindicada é uma fusão entre outras mais antigas, é uma hipocrisia histórica. Impedir que terceiros usufruam de certas culturas é negar a formação das próprias. O mundo sempre se conectou, de forma que civilizações mudavam suas culturas entre si desde tempos ancestrais e não são um seletivo grupo de revoltados do século XXI que irá mudar isso.</p>
<p>Em síntese, o projeto São Paulo: Cidade linda tem ótimas ideias, que se postas em prática podem embelezar a cidade; todavia, é necessário manter os grafites autorizados, até mesmo por respeito à propriedade privada. É necessário também</p>

²¹ Conforme pode ser observado no quadro 1 desse texto.





punir os pichadores, mas não de forma pesada, pois o delito não coloca vidas em risco: prestação de serviços comunitários e multa já seriam o suficiente.
Em síntese , é necessária a intervenção familiar no que a criança pode assistir e quando deve, e orientações mais pertinentes quanto ao entretenimento atual e o que ele significa, para que a realidade de uma criança não seja engolida por uma já amadurecida realidade adulta, abstraída na forma de espetáculo.
Em síntese , o que se vê atualmente nada mais é que o comportamento humano em um ambiente anárquico, ou seja, é necessário levar a lei até esse novo ambiente, para que a coerção social, extinta pelos algoritmos, seja mantida na forma de leis aplicadas pelo Estado.
Em síntese , o foro privilegiado é prejudicial ao Brasil, pois além de saturar o STF com processos banais cujo cumprimento atrasa os realmente importantes, assim, atrasando os processos durante meses ou até anos.
Em síntese , a polêmica dos conflitos deve atrair uma atenção fundamental para que o cidadão se conscientize e cobre dos seus políticos posturas fundamentais para a preservação do espaço indígena, e é necessário otimizar a FUNAI, acelerando seus processos e imunizá-la da “infestação” de fazendeiros em cargos através de um processo seletivo melhor elaborado.
Em síntese , é sempre bom lembrar que governos têm interesse, e o “fim da Cracolândia” é uma desculpa para a gentrificação da área; todavia, as possíveis três mil vagas prometidas por Alckimin é o começo de um caminho que deve ser criado para a reinserção do indivíduo na sociedade, além de medidas preventivas, como campanha nas escolas – a intensificação de programas como o PROERD – e melhor distribuição de renda são importantes para evitar o primeiro mergulho do indivíduo nesse nebuloso infundo poço das drogas.

Ao olhar o quadro, notamos que dez dos treze textos escritos por Daniel introduzem o parágrafo de conclusão com a expressão “Em síntese”. Destacamos que esse é também um indício da manifestação do seu estilo particular, uma vez que o estudante opta por utilizar, recorrentemente, a expressão na conclusão das suas dissertações, o que mostra a tentativa de, via estilo, manifestar domínio do gênero. Este indício leva a hipotetizar que Daniel mantém em suas produções um elemento que, possivelmente, tenha passado pela aprovação da interlocutora, no caso, sua professora²².

Chama-se atenção para o fato de que as questões de gramática ocupam pouco espaço nos itens trabalhados pela professora sendo que, conforme quadro 1, aparece explicitamente apenas na aula de número 6. Esse fato é importante e nos confirma o pressuposto bakhtiniano de que não há um único estudo de gramática (ainda mais a gramática normativa) que não incorpore a estilística. O filósofo da linguagem ainda critica que em toda uma série de casos, a fronteira entre a gramática e a estilística parece apagar-se totalmente, uma vez que há fenômenos que, para uns, estão relacionados com a gramática, para outros, com a estilística. Concordamos com o autor ao dizer que a gramática e a estilística se juntam e se separam em qualquer fato linguístico concreto que, se encarado do ponto de vista da língua, é um fato gramatical, e se encarado do ponto de vista do enunciado individual, é um fato estilístico. Nas palavras de Bakhtin (1992), mesmo a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico.

²² Na construção de seus textos, estamos considerando como manifestação de seu estilo individual o recurso de manter um elemento que se repete ao longo das construções escritas. Fazemos relação com Lemos (1977) que nomeia por “estratégias de preenchimento” a alternativa utilizada por vestibulandos em receber moldes e reproduzir modelos valorizados. No caso, Daniel por meio de seu estilo está construindo o seu modelo de texto a ser desenvolvido no interior do gênero solicitado pela professora.



Além de escolhas na forma de introduzir e finalizar o seu texto, podemos exemplificar o ato estilístico de Daniel em ocorrências gramaticais como, por exemplo, o uso de dois pontos que aparece em oito de suas produções, como vemos a seguir:

Essas doenças retiram trabalhadores de seus postos de trabalho todos os dias e sobrecarregam e aumentam os gastos em saúde; segundo a Organização Mundial da Saúde, a cada R\$ 1 investido em saneamento gera economia de R\$ 4 na área da saúde.
Há uma defasagem de 20 anos para com as metas propostas em 2013 pelo Plano Nacional de Saneamento Básico, e esse atraso e inadmissível; segundo o Ministério das Cidades apenas 55% da população tem tratamento de esgoto, número que contrasta com os de água tratada, 83%, o que demonstra um descaso pelo problema do esgoto a céu aberto.
Segundo o professor de história Luiz Eduardo Iglesias, temos um exemplo disso em solo nacional; a feijoada é nada mais do que o cassoulet europeu com modificações brasileiras, e hoje essa “apropriação” é parte da cultura brasileira.
É necessário também punir os pichadores, mas não de forma pesada, pois o delito não coloca vidas em risco; prestação de serviços comunitários e multa já seriam o suficiente.
O mundo jamais seria o mesmo após 1760; o fervor causado pela Revolução Industrial motivou a fundação de várias indústrias, essas que se utilizam de combustíveis fósseis, e que captam recursos naturais de forma predatória, degradando o meio ambiente.
É inegável que estamos vivendo a era da informação rápida, cuja principal característica é oferecer um novo veículo, que ao contrário dos tradicionais (jornal, televisão e rádio) tem grande liberdade de criação e exibição; cria-se o que quiser e assiste-se ao que bem entender. A princípio, pode parecer um modelo bom e democrático, todavia, ele tem seus defeitos.
No entanto, a grande capacidade de dispersão de ideias na rede faz necessária uma nova consciência coletiva; qual o limite que separa a liberdade de expressão da agressão verbal?
Os recentes escândalos de corrupção evidenciaram uma triste realidade sobre a índole de nossos parlamentares e é melancólico ver a justiça esbarrar em diversas barreiras legais; uma delas, o foro privilegiado, que protege o número absurdo de 54.990 pessoas.
Os cientistas afirmaram que o raciocínio vale para humanos; pessoas felizes, alimentadas e com boa renda têm uma menor propensão ao uso de drogas.

Ao mesmo tempo em que faz uso do recurso de pontuação - dois pontos - para construir sua argumentação, lança mão de conectivos coesivos em muitas situações, ainda que este uso necessite de ajuste, o que é feito pela professora nas correções, durante o processo. Citamos, como exemplo, a conjunção ‘todavia’ que Daniel utiliza pela primeira vez da seguinte forma:

Nesse mês de janeiro de 2017, completam-se dez anos da lei do saneamento básico, que prometia trazer água encanada, coleta e tratamento para toda a população até 2027, e o que pudemos analisar do que foi feito até agora, nota-se um avanço tímido, praticamente uma estagnação. **Todavia** esse problema deve ser levado mais a sério do que se imagina.

Nesse caso, a professora deixou o seguinte bilhete a Daniel:

“Uso equivocado da conjunção – portanto = conclusão; todavia = oposição”.

A correção é incorporada por ele na construção de seu estilo e passa a ser utilizada com coerência como nota-se em três exemplos das oito ocorrências posteriores:





Qual seria o motivo do alto número de mães adolescentes em nosso país? De certo, a maioria não deseja criar um filho tão cedo assim, justo os custos financeiros e o tempo que a criança demanda da mãe. **Todavia**, as adolescentes não calculam com precisão as consequências e não tem ciência dos diversos métodos contraceptivos disponíveis gratuitamente pelo SUS.

A princípio, pode parecer um modelo bom e democrático, **todavia**, ele tem seus defeitos.

Essa demarcação deve ser feita pela FUNAI, **todavia**, o processo é lento e a FUNAI é vulnerável, podendo fazendeiros ocuparem cargos no órgão para atuarem em causas próprias.

É compreensível a tentativa de uso do conectivo, a princípio equivocada, mas depois bem colocado²³ na construção do estilo de Daniel, uma vez que ele sempre se mostrou muito participativo nas discussões em sala de aula, bem como na entrega dos textos pedidos. Bakhtin (1992) enuncia que são muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera. Nas palavras do autor:

Não é por causa de uma pobreza de vocabulário ou de estilo (numa acepção abstrata), mas de uma inexperiência de dominar o repertório dos gêneros da conversa social, de uma falta de conhecimento a respeito do que é o todo do enunciado, que o indivíduo fica inapto para moldar com facilidade e prontidão sua fala e determinadas formas estilísticas e composicionais; é por causa de uma inexperiência de tomar a palavra no momento certo, de começar e terminar no tempo correto (BAKHTIN, 1992, p. 303).

Assim, de acordo com Lima (2010), o estilo individual se manifesta no modo como o locutor ajusta e retoca um gênero todas as vezes em que este se desajusta à situação comunicativa e perde, com isso, parte de sua eficácia devido aos imprevistos da atividade. O diálogo com a professora a cada semana contribuía para o domínio do gênero e, conseqüentemente, para a manifestação do seu estilo. Dessa forma, podemos dizer que Daniel, de posse de um querer dizer, fase inicial do enunciado que já determina as particularidades de estilo, se vê diante da necessidade de *expressividade* enquanto locutor ante o objeto de seu enunciado o que também contribui para a determinação da composição e do estilo. A relação valorativa com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado, já que o estilo individual se define acima de tudo por seus aspectos expressivos.

Quando escolhemos uma palavra, durante o processo de elaboração de um enunciado, nem sempre a tiramos, pelo contrário, do sistema da língua, da neutralidade *lexicográfica*. Costumamos tirá-la de *outros enunciados*, e, acima de tudo, de enunciados que são aparentados ao nosso pelo gênero, isto é, pelo tema, composição e estilo: selecionamos as palavras segundo as especificidades de um gênero. O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado (BAKHTIN, 1992, p. 311).

²³ Salientamos que o estilo como processo está também presente nas tentativas - a princípio equivocadas - além do que se repete regularmente.





4.2 Das relações do locutor com o seu interlocutor

A noção de estilo em Bakhtin (1992) não engloba apenas a questão de expressividade enquanto manifestação da valoração do locutor frente seu objeto de discurso, que tentamos contemplar até o presente momento da análise. O estilo compreende também as tonalidades dialógicas, quer dizer, a relação do locutor com seu interlocutor. Nesse sentido, o autor tece sua crítica à estilística tradicional por não perceber o papel determinante do interlocutor no processo da interação verbal, já que o estilo depende do modo como o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo como ele presume uma compreensão responsiva ativa²⁴.

De acordo com Bakhtin (1992), essa constatação revela com clareza a limitação e os erros da estilística tradicional que tenta compreender e definir o estilo baseando-se unicamente no conteúdo do discurso (no nível do objeto do sentido) e na relação expressiva do locutor com esse conteúdo. Assim, quando se subestima a relação do locutor com o outro e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso.

Isso significa que ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado sem a qual ele não teria existência. As diferentes formas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções do destinatário são particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso. Conforme o autor, diferentemente dos enunciados e dos gêneros do discurso, as unidades significantes da língua (a palavra e a oração), por sua natureza, não podem ter um destinatário: elas não pertencem a ninguém assim como não se dirigem a ninguém.

Ter a professora como interlocutora, que ocupou temporariamente o lugar do corretor da redação do vestibular, fez toda a diferença na construção do estilo de Daniel. Certamente movimentou para este sujeito os questionamentos tidos como fundamentais para Bakhtin (1992) ao buscarmos a história de estilo do sujeito:

- A quem se dirige o enunciado?
- Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário?
- Qual é a força da influência deste sobre o enunciado?

²⁴ Em outras palavras, as críticas de Bakhtin (1992) a essa estilística tradicional se deve também ao fato da gramática tradicional abordar o estilo como produto pronto e acabado, estável e repetível, ao invés de estudá-lo como fenômeno inacabado, em movimento constante de transformação, relativamente estável (assim como os gêneros, dos quais é parte indissolúvel) e irrepetível.





Em resposta inicial, arriscamo-nos a dizer que o caráter pessoal e o grau de proximidade do relacionamento existente entre o destinatário e o locutor, no caso, entre Daniel e a sua professora, agem diretamente sobre as nuances de estilo deixadas em um texto. É evidente, como vemos na teoria bakhtiniana, que o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa.

Daniel constrói seu estilo em diálogo constante com a sua professora, respondendo aos seus enunciados com outros enunciados e de diversas formas. Primeiro, podemos mencionar o rol de conhecimentos que a professora dispõe aos alunos para utilizarem em seu texto, sobre o gênero, incluindo as suas características relativamente estáveis concernentes à estrutura, tema e ao próprio estilo -, o que é considerado por Daniel. Vale ressaltar que os textos são respostas à proposta de produção de texto elaborada pela professora, como podemos ver no exemplo abaixo²⁵:

Enem- Como você pode observar, as preocupações com o Crack passaram ao debate público, esse é um problema de saúde pública. Escreva um texto dissertativo que aborde essa questão.

No que se refere à esta proposta, segue o bilhete que a professora deixa no texto de Daniel:

“Daniel, a proposta de redação pede para você focar no combate ao CRACK. Você focaliza nas ações feitas na Cracolândia”.

A professora disponibiliza dados estatísticos que são utilizados por Daniel sob mediação da professora, como vemos no seguinte recado da professora em um dos seus textos iniciais:

“Daniel, você ficou preso aos números. Use os dados de maneira comedida”.

“Desenvolver mais o tema incluindo informações (referências históricas, discussões sociológicas, etc)”.

A construção do estilo de Daniel, em diálogo com a sua professora, nos faz retomar os pressupostos de Bakhtin (1992) ao dizer que as palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence) em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado. Tentando moldar o seu estilo em diálogo com a professora, seguem exemplos encontrados nos textos:

Guy Debord já dizia que toda a vida das sociedades com as modernas condições de produção se apresenta como um imenso acúmulo de espetáculo, onde tudo o que é vivido diretamente torna-se uma representação abstrata.

²⁵ Algumas temáticas continham mais de uma proposta: uma estilo ENEM e outra estilo Fuvest e/ou Unicamp, por exemplo.



Segundo o historiador **Leandro Karnal**, o ato de “fofoca” cria um laço entre as pessoas que se unem para maldizer terceiros. Isso, transformado em nosso mundo digital, se dá na forma de compartilhamento na rede em que o indivíduo se sente fazendo um papel social, portanto, fazendo-o sem verificar a veracidade das informações.

Discursos de ódio não eram cotidianos pois, segundo **Durkheim**, ações podem ser reprimidas pela sociedade através da coerção.

Nesse aspecto, ainda mencionamos uma escolha feita por Daniel que foi questionada por sua professora:

Argumentação de Daniel:

“... a queixa sobre a “apropriação” cultural de Thauane, visto que a cultura reivindicada é uma fusão entre outras mais antigas, é uma **hipocrisia histórica**. Impedir que terceiros usufruam de certas culturas é negar a formação das próprias”.

Questionamento da professora:

“E a exclusão, humilhação, segregação que os negros viveram e vivem é uma hipocrisia histórica? Então a indústria cultural não existe?”

No trecho acima, é possível encontrar indícios do diálogo entre Daniel e a professora - dois sujeitos comunicativos e suas posições sociais. É importante ressaltar que, no estilo, a relação entre o falante e seu destinatário revela ideologias e valores sociais, visto que, conforme Bakhtin (1992), o falante preocupa-se com as objeções, preferências, etc. de seu interlocutor. Enfim, o estilo - por ser um elemento constituinte do enunciado - está inserido em um contexto sócio-histórico-cultural.

É evidente que as observações da professora não podem mudar o ponto de vista do sujeito, porém é inquestionável a tentativa de moldar²⁶ o seu estilo também levando em conta os apontamentos de seu interlocutor privilegiado, pois, o estilo de um enunciado, não deixa de levar em conta o interlocutor e sua possibilidade de recepção, o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos, suas simpatias e antipatias, etc.

É sob uma maior ou menor influência do destinatário e da sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita. Quando se analisa uma oração isolada, tirada de seu contexto, encobrem-se os indícios que revelariam seu caráter de dirigir-se a alguém, a influência da resposta pressuposta, a ressonância dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o

²⁶ Tentativa de moldagem do estilo a partir de tentativas – às vezes, equivocadas – que apontam para um movimento processual de construção.





enunciado por dentro [...] Esses fenômenos se relacionam com o todo do enunciado e deixam de existir desde que esse todo é perdido de vista [...] Uma análise estilística que queira englobar todos os aspectos do estilo deve obrigatoriamente analisar o todo do enunciado e, obrigatoriamente, analisá-lo dentro da cadeia da comunicação verbal de que o enunciado é apenas um elo inalienável (BAKHTIN, 1992, p. 326).

5 UM FECHAMENTO – PROVISÓRIO – QUE SE ABRE À REFLEXÃO

A interlocução com as pesquisas aplicadas na escola tem nos mostrado que, quando se trata de ensino de língua e estilística, temos uma noção restrita de ensino/aprendizagem que se limita a conhecer figuras de linguagem ou pensar em traços estilísticos a partir do texto literário, conforme expõe a gramática tradicional²⁷.

Com o apoio dos estudos bakhtinianos, conhecemos um outro modo de compreensão da estilística que volta o seu olhar a um dos elementos constitutivos de todo e qualquer gênero do discurso: o estilo. Partindo dessa indissociabilidade, ampliamos o campo de visão e pensamos na riqueza de possibilidades disponíveis na língua para o locutor lançar mão do seu querer dizer com expressividade e tendo em vista o seu interlocutor. Essa outra perspectiva cabe perfeitamente na escola, especialmente pensando em algo que há muito vem sendo discutido no que se refere à ‘análise linguística’. Longe de dar um fechamento a esse conceito, cuja discussão é ampla, tomamos emprestada a ideia de Geraldi (2004) sobre análise linguística que nos possibilita compreender como o trabalho sobre questões tradicionais da gramática bem como com questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar a análise dos recursos expressivos utilizados. Ainda segundo o autor, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.

Nesse sentido, uma análise linguística envolvendo elementos relacionados à estilística nos possibilitaram constituir, através de uma investigação indiciária, a micro história do estilo de um sujeito em seus textos – que visam prepará-lo para ser aprovado no vestibular – durante um semestre letivo. Essa construção se dá no jogo entre instabilidade e estabilidade nos usos da língua(gem). Conseguimos acompanhar por meio de alguns indícios o quanto Daniel deixa rastros de comprometimento com um querer dizer, adequando-o ao gênero e ao diálogo com o seu interlocutor, nesse caso, a sua professora.

²⁷ Não estamos desprezando essa aprendizagem, porém ela precisa ser trabalhada de modo mais amplo no interior desta nova perspectiva defendida: a construção processual do estilo, advinda do jogo entre instabilidades e estabilidades – desde o nascedouro, às vezes, com usos equivocados até o acabamento, provisório por natureza – da linguagem.





Consideramos, a partir dessa experiência, ser possível que professores envolvidos com o ensino da escrita pratiquem a análise linguística, proporcionando um olhar para e sobre a estilística que englobe todos os aspectos do estilo, no qual é analisado o todo do enunciado, no interior da cadeia da comunicação verbal de que o mesmo é apenas um elo inalienável. E por que não o aluno ter consciência dessa reflexão também? Outras micro histórias poderiam ser desvendadas, o que contribuiria, certamente, para uma mudança de paradigma no processo de ensino/aprendizagem da produção textual.

A busca pela micro história do estilo de Daniel nos fez confirmar que o estilo - como característica intrinsecamente ligada ao gênero a que pertence - é individual e coletivo ao mesmo tempo. É coletivo porque falamos sempre dentro de um gênero, no caso de Daniel, a dissertação para o vestibular, que se caracteriza como gênero pela sua tipicidade, por determinados elementos de base que se configuram pela permanência e estabilidade. Por outro lado, acompanhamos claramente algumas escolhas feitas de forma singular por Daniel. Essa especificidade se deve ao fato de que, ao mesmo tempo, os gêneros se concretizam em enunciados que, como unidades reais de comunicação, são assumidos por falantes, por indivíduos marcados por sua singularidade e é nesse espaço que ele pode também fazer emergir sua individualidade, seu estilo próprio, como mostrou a micro história de Daniel.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas: Sheila Grillo e Ekatarina Vólkora Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. N. Da estilística aos gêneros do discurso no ensino de línguas. **Estudos Linguísticos**, XXXIV, p. 14-27, 2005.

CÂMARA JR., M. J. **Dispersos de J. Mattoso Câmara JR.** Seleção e introdução: Carlos E. Falcão Uchôa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. (org.). **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-275.

LIMA, A. P. de. (Re)pensando o problema dos gêneros do discurso por meio de uma relação entre Bakhtin e Vigotsky. **Bakhtiniana**, v. 1, n. 3, p. 113-126, 2010.





LIMA, H. E. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LEMOS, C. T. G. Redações de vestibular: algumas estratégias. **Cadernos de Pesquisa**, n. 23, p. 61-71, 1977.

Artigo recebido em: 22/06/2020

Artigo aprovado em: 01/10/2020

Artigo publicado em: 26/11/2020

COMO CITAR

GIOVANI, F.; REYES, C. R.; GARCIA, C. B. Em busca do dado singular: a micro história de um estilo. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, e02025, 2020.